

## UM CASAMENTO FELIZ

— Queres saber o segredo de um casamento feliz?

— Diz lá.

— Pôr a mulher a tomar *Paxil*.

As pessoas contavam toda a espécie de coisas a Holly. Não sabia porquê. Talvez tivesse que ver com o seu rosto, a expressão franca e bondosa. O rosto de Holly era muito mais simpático do que ela, aliás. Tinha grandes olhos verdes, uma tez extremamente clara e um sorriso fácil, compreensivo, mas o verdadeiro problema eram as sardas. Holly era uma das sete mulheres adultas de Manhattan ainda com elas, as sardas, o que significava que havia sempre estranhos a pedirem-lhe troco de uma nota de vinte ou que lhes vigiasse os portáteis no Starbucks. Uma vez, uma mulher que ela não conhecia de lado nenhum pediu-lhe para pegar no bebé enquanto amarrava uma cadeirinha no banco de trás de um táxi. Parte do motivo pelo qual Holly tinha problemas com os homens era porque eles confundiam o semblante com a verdade, julgavam que ela tinha grandes jazidas de compreensão e acabavam por contar-lhe todos os pormenores sórdidos e vergonhosos das suas histórias, e, quando não lhe viam na cara a mais leve chispa de censura, continuavam. Era, descobriu Holly, uma coisa bestial para um escritor, que as pessoas lhe contassem coisas, mas podia dar cabo de relações.

— A Amanda toma *Paxil*? — perguntou Holly.

Mark fez que sim com a cabeça e baixou a voz quase para um sussurro.

— Está uma pessoa completamente diferente. É como se eu acordasse um dia de manhã e de repente desse por mim casado com uma mulher linda e doce. Ela foi sempre um bocadinho, bom, não quero dizer «chata», mas... — Olhou para cima por um segundo, à procura da palavra. — Digamos que *difícil*. Isso no bom sentido da palavra, claro, é inteligente, sensível e opinativa e eu amo-a. Amo mesmo, no entanto já começava a ser muito difícil viver com ela.

— Sim, mas não é um pouco assustador? Quero dizer, que um comprimido possa fazer assim tanta diferença?

— Assustador? Estás a gozar? Foi a melhor coisa que já me aconteceu.

Amanda veio da cozinha com uma pequena taça de azeitonas pretas. Amanda era uma dessas mulheres que já eram magras e passam os trintas a emagrecer cada vez mais. Holly não percebia. Era quase como se ela tivesse descoberto alguma pílula mágica ou andasse metida nalguma espécie de magia negra sinistra de que insistia em guardar segredo. Amanda continuava a emagrecer e o cabelo ia ficando mais curto e mais espetado, e os olhos, desafiando todas as leis conhecidas da biologia humana, cada vez maiores. Amanda era linda, Holly tinha de admitir, mas corria o risco de se transformar numa magricela de olhos esbugalhados.

— Não sabia que tinhas começado a tomar *Paxil* — comentou Holly.

— Adoro — respondeu Amanda. — Devias experimentar.

— Porquê? Não estou deprimida.

Amanda e Mark só olharam para ela.

— Porque é que estão todos convencidos de que eu tenho algum problema? — retorquiu Holly. — Ontem à noite, estava ao telefone com a minha madrastra e disse-lhe que estava a pensar arranjar um cão, e vai ela: «Ai que bom, significa que estás pronta para receber amor outra vez.»

— Ela disse isso? — perguntou Amanda.

— Disse. E eu respondi-lhe: Oh, Ellen, não se preocupe comigo. Amor tenho eu recebido — disse Holly. Meteu uma azeitona na boca. — Tenho recebido amor em, bom, múltiplos orifícios.

— Não disseste nada — replicou Amanda.

— Mas apeteceu-me dizer.

— Que conversa a dela! — estranhou Amanda. — Sempre *estiveste* pronta para receber amor.

Mark estava sentado na borda do sofá com a garrafa de *Pinot Noir* que Holly trouxera e um daqueles saca-rolhas de alavancas.

— Que tipo de cão? — perguntou.

— Ainda não me decidi — respondeu Holly. — Se calhar vou a um abrigo.

— Quando resgatámos o *Peppo* — disse Amanda —, fiz imensas pesquisas sobre cães que se dão bem em apartamentos e raças próprias para Nova Iorque, mas, bem vistas as coisas, o que eu queria era o tipo de cão com que fui criada.

Holly fez-lhe um olhar de censura.

— O quê? — perguntou Amanda.

— É um cão-d'água português puro. Tiveste de ir de avião ao Oregon buscá-lo ao criador. Resgatado, ele?

— É assim mesmo, com as raças puras. As pessoas que os adoptam têm de assinar um contrato em como o devolvem ao criador se depois não o quiserem. Então o criador arranja-lhe um lar de acolhimento.

— Sim, mas isso não é um resgate a sério. Quero dizer, não o «resgataste» de nada. É apenas um cão usado.

— O *Peppo* é resgatado, Holly.

Holly olhou para Mark em busca de apoio — ele gastara mil dólares, mais a passagem aérea, com o cão, sabia Holly, porque, na altura, bem se queixara disso —, mas ele estava debruçado para cima da mesa de centro às voltas com o saca-rolhas, distraído. Sabia que era escusado continuar a discussão com Amanda, por isso resolveu mudar de assunto.

— O que é que o teu marido traz calçado?

— Ah, reparaste nas meias-pantufas do Mark. Giras, não são?

As meias-pantufas de Mark eram isso mesmo: meias de lã cor de papas de aveia com uma sola de pele castanha cosida por baixo, tipo meias de pijama sem o pijama.

— Bom, eu sei que sou como família — replicou Holly —, mas acho que não devias impor essas coisas à família.

— Os astronautas usam-nas — referiu Mark. — São pantufas de *astronauta*, usadas desde 1982.

— Agora és astronauta? — redarguiu Amanda. — Não me digas! Desististe da banca de investimentos para ires explorar o espaço?

— Eh, adoro estas pantufas — retorquiu Mark. — Quero ser enterrado com estas pantufas.

Amanda olhou para Holly com um pequeno encolher de ombros esponsal de «que se há-de fazer?».

— Ah, já me ia esquecendo — disse Holly. — Tenho de te mostrar uma coisa. Emprestas-me o portátil?

— Claro.

Holly sentou-se no sofá com o computador de Amanda e abriu o correio.

— Ouve-me esta — disse. — «Cara Holly. Vai parecer-lhe estranho mas escrevo-lhe por causa do Spence Samuelson. Namoro com ele há cerca de oito meses, antevendo já um futuro em conjunto, e agora aconteceu uma coisa catastrófica. Não sei se estará disposta a conversar comigo sobre isso, mas gostaria muito de ouvir a sua opinião. Obrigada. Cathleen Wheeler.» E deixa-me um número de telefone com indicativo do Colorado.

— Oh, meu Deus — disse Amanda.

— Quem é o Spence Samuelson? — indagou Mark.

— Era o ex antes do ex — explicou Amanda. — O fulano antes do ex-marido. Não é do teu tempo.

— Espera aí. — Mark virou-se para Holly. — É aquele parvalhão que vem no teu livro?

— Exactamente — respondeu Amanda.

Holly disse então, um nadinha formalmente:

— O personagem Palmer era fictício mas vagamente, no sentido mais lato, baseado no Spence.

Amanda revirou os olhos ao ouvir isso. Sabia a verdade, ou seja, que Holly mudara apenas dois pormenores de Spence quando o transformou em Palmer, o nome e a cor dos olhos.

— Ligaste-lhe? — perguntou Mark.

— Ainda não.

— Estás maluca? Liga agora — disse Amanda. — Põe-na em alta voz.

— A mulher disse que aconteceu uma coisa catastrófica — atalhou Mark. — Acho que não devíamos pô-la em alta voz.

— Sabem, depois de receber este *e-mail* tive uma epifania — disse Holly. — Foi por *isto* que eu escrevi um romance. Para passar precisamente por uma experiência destas. Para as namoradas dos homens com quem andei virem ter comigo, pedir-me conselhos. É como ser psiquiatra sem o canudo.

— Chiça — disse Mark.

— O quê? — perguntou Holly.

— O desgraçado do idiota nem sabe o que o espera — replicou Mark.

Holly Frick tivera o pior dos divórcios: aquele em que ainda estamos apaixonados pela pessoa de quem nos divorciámos. Não «gostar», não «ainda ligado a», não «a construir uma vida juntos» — desesperadamente apaixonados. E fora precisamente há um ano que Alex a deixara, facto que de certa maneira lhe passou despercebido até àquele final de tarde em que mandou parar um táxi e viu as árvores de Natal secas tristemente amontoadas pelo passeio fora. Alex deixara-a a 3 de Janeiro. Mais ou menos como um director-geral bonzinho que guarda as cartas de despedimento para depois das festas.

Alex deixara-a abruptamente, assim sem mais nem menos, não por outra mulher, nem sequer por outro homem, mas por, ao que parece, *mulheres*. A quantas pudesse deitar a mão. Os boatos chegaram-lhe ao longo da Primavera e Verão, pingando de diversas fontes de mexericos, histórias do namorico dele com a gélida recepcionista tailandesa do Tao; uma universitária que trabalhava na cave da Shakespeare & Company; a «modelo» que vendia *lingerie* na Barneys. A psiquiatra de Holly afirmava que ela metabolizara a dissolução do casamento como uma vítima de trauma, que acontecera tão repentina e inesperadamente que era como se tivesse sofrido um acidente de viação ou fosse o alvo de um crime violento, o que Holly achou uma explicação tão boa

como outra qualquer para o facto de ter passado o último ano da sua vida a sentir-se como se estivesse debaixo de água.

Sabia que o que estava a passar não era nada de especial, um simples desgosto amoroso, o género de coisa acerca da qual poetas e romancistas escrevem há centenas de anos, mas também sabia, por esses mesmos livros, que havia pessoas que nunca se recompunham, que passavam pela vida perseguidas por uma saudade tristonha e dolorosa. Foi só nesse dia, em que viu as árvores de Natal espalhadas na rua e ficou admirada ao perceber que já lá ia um ano, que começou a rezear vir a tornar-se uma delas.

Amanda e Mark tinham um filho, um bebé de treze meses chamado Jacob, que passou a maior parte do serão a dormir no quarto dele mas fez uma breve aparição mais ou menos por altura do último crepe de porco agridoce. Jacob era enorme. Na festa dos seus seis meses já era do tamanho de um de dois anos pequeno, mas, reparando que ele tinha só trinta por cento de hipóteses de passar a chucha da mão para a boca a cada tentativa, parecia vagamente atrasado. Mas não era — era apenas grande de mais. Uns anos antes, Holly e Amanda tinham arranjado um nome para este tipo de bebé — badochas loiro (porque, e verãõ que é verdade, esses bebés enormes são invariavelmente loiros) —, mas isso foi antes de Amanda ter dado um à luz.

Depois de Jacob adormecer de novo, Holly e Amanda instalaram-se no sofá com uma nova garrafa de vinho enquanto Mark dormitava na poltrona dele.

— Diz lá — disse Amanda.

— O quê? Estou bem.

— Boa!

— Não assim tão bem — replicou Holly. — Mas melhor.

— Boa, na mesma.

— É estranho — disse Holly. — Aqui há umas semanas, acordei num sábado de manhã sem ter feito planos com ninguém, portanto tinha o dia todo livre pela frente, esse grande vazio que, normalmente, me faz sentir cheia de pânico, ansiosa, e mal comigo mesma...

— Devias ter telefonado — interrompeu Amanda. — Devias ter aparecido.

— Pois, eu sei. Obrigada. Bom, lá me vesti e arranquei para a baixa, fiz umas compras de Natal e depois, por volta das quatro, fui ao Film Forum ver um filme que já andava para ver, e a seguir voltei para casa e fiz um belo jantar para mim, cozinhei mesmo, e até usei a loiça boa, e, sabes, afinal acabei por ter um dia óptimo. E sempre ciente do facto de que estava sozinha mas sem que isso me incomodasse como dantes — afirmou Holly. Pegou na garrafa do vinho e deitou mais um bocado nos dois copos. — *Casei-me*. Tentei. Comigo não resultou. E talvez eu seja apenas uma dessas pessoas destinadas a ficar sozinhas.

— Hás-de encontrar alguém, Holly.

— Nem sei se quero. A sério, estou bem sozinha. Sinto que é a primeira vez na vida que consigo dizer isto com toda a sinceridade — afirmou Holly. — Estou. Bem. Sozinha.

— Claro que estás.

— E olha, sabe bem estar finalmente apaziguada.

— E não estás sozinha.

— Estou muito só. — Holly bebeu um grande gole de vinho e fechou os olhos. — Tenho saudades do Alex.

— Não tens nada — redarguiu Amanda.

— Tenho. Sinto a falta dele — afirmou Holly. Em voz mais baixa. — Acho que ainda estou apaixonada por ele.

— Não estás apaixonada pelo Alex.

— Está bem, então porque é que quando passamos por um restaurante onde costumávamos ir juntos nos vêm as lágrimas aos olhos e parece que temos um enorme buraco no peito e temos de ir logo para casa, meter-nos debaixo dos lençóis? Que significa isso, senão que ainda o amo?

— Isso é desgosto. É saudável.

— Não sei — replicou Holly. — Parece amor.

— Não interessa — redarguiu Amanda. — Vocês não eram felizes juntos.

— Se calhar éramos.

— Tu eras infeliz, Holly.

— E então? Sou infeliz agora. E não sei se será muito melhor ser infeliz sozinha do que com outra pessoa — retorquiu Holly. Apontou com o indicador para o ar quando o pensamento lhe ocorreu. — A infelicidade adora companhia.

— Estás bêbeda.

— Gosto de beber, sim.

— Podes cá dormir se quiseres.

— Não. Isso só me vai fazer sentir ainda mais ridícula — respondeu Holly. Tornou a recostar-se nas almofadas e olhou para o tecto, que tremeluzia à luz das velas. — Caramba, dei cabo da minha vida. O meu romance foi um falhanço espectacular, voltei a escrever para televisão, para a série mais pirosa de que há memória, estou com trinta e cinco anos, completamente só, e as paredes externas dos meus óvulos, neste momento, já vão ficando com a consistência de lenços de papel. Entretanto, o Alex deixa-me e a vida corre-lhe bem. Acho que até namora.

— Porque dizes isso?

— Por nada — respondeu Holly. — Tenho a certeza que sim. Amanda pousou o copo e fitou-a muito séria.

— Ainda vais ao *e-mail* dele?

— Não.

— *Holly*.

— Não vou. Juro — afirmou Holly. — Ele mudou a *password*. Mark abriu um olho e mirou-a da sua poltrona reclinável.

— Ias ao *e-mail* do teu marido?

— Não me orgulho disso.

Amanda levantou-se do sofá e foi à cozinha levar alguns copos sujos.

— Não me leves a mal, mas acho que devias pensar seriamente em arranjar outro psiquiatra.

— Eh, não a culpes — gritou-lhe Holly. — Não lhe conto estas coisas. Palavra. Ela ia ficar horrorizada.

Minutos depois, Holly levantou-se e foi ter com Amanda à cozinha. Depois de uma curta ingerência, apenas para sugerir que Holly (a) considerasse a hipótese de namorar pela Internet porque foi



assim que uma colega de quarenta e três anos conheceu um tipo de Teaneck e era bem gorda ou (b) talvez ir aprender a dançar salsa, Mark voltara a passar pelas brasas com as suas meias-pantufas. Amanda estava ao lava-loiça com as luvas de borracha calçadas. Holly pegou numa esponja e começou a limpar a bancada.

— O teu marido acha que os meus problemas se resolviam todos se me inscrevesse num curso de salsa.

— Não é má ideia — replicou Amanda. — Gostas de dançar.

— A minha amiga Betsy andou num curso desses e quando veio ao corredor, no intervalo, estava lá um dos sujeitos da aula dela encostado à parede, na maior, com a mão enfiada nas calças.

— Estava a, hum, tocar-se?

— E isso interessa? — retorquiu Holly. — Francamente, com uma cena dessas interessa mesmo porque é que ele tinha a mão dentro das calças?

— Tens razão — disse Amanda, fechando a torneira. — Tenho de falar contigo acerca de uma coisa.

— O quê?

— Bom, é complicado.

— Fiz alguma coisa mal? — perguntou Holly.

— Não, não. Claro que não. Não é nada contigo.

— Bom, então o que é?

— É... vai parecer mais sério do que dei a entender e na verdade não é nada.

— Sim...?

— Há cerca de um mês conheci um fulano numa angariação de fundos a que fui.

— Hã-hã.

— Chama-se Jack e conhece a minha antiga chefe, a Theresa. Primeiro falámos muito da Theresa, a mulher está maluca, e criou-se uma grande empatia entre nós. Depois fomos almoçar e, sabes como é, houve uma troca de *e-mails*. Nada de mais.

— Não estou a ver nada de complicado nisso.

— Pois, aí é que está — replicou Amanda. — Está a ficar complicado.

— Explica-me lá isso — disse Holly. — Andas a dormir com ele?

- Não, credo. Não. Nada que se pareça.
- Ótimo. Então o que é?
- Sei lá. Estou um bocadinho baralhada — respondeu Amanda.
- Nem sei bem o que sinto.
- O Mark sabe?
- Não — respondeu Amanda. — Quero dizer, sabe que existe um tipo chamado Jack, já lhe falei dele várias vezes, mas não sabe. Holly pousou a esponja.
- Então o que me estás a dizer é que andas com alguém.
- Claro que não — afirmou Amanda. — Tivemos uns quantos almoços inocentes.
- Não devias falar disso comigo — comentou Holly. — Não sirvo para infidelidades. Identifico-me sempre mais com o cornudo.
- Isto não é infidelidade, Holly.
- Então porque é que estamos aos segredinhos na cozinha? Amanda abriu o armário e tirou três canecas para o café.
- Porque me estás a contar isso?
- Quero que o conheças.
- O quê? — perguntou Holly. — Porquê?
- Sei lá. Vais gostar dele. Vão gostar um do outro.
- Acho que não quero conhecê-lo — respondeu Holly. — Vou sentir-me cúmplice. Já me sinto culpada só por estarmos a ter esta conversa.
- Culpada porquê?
- Não sei — respondeu Holly. — Alguém deve sentir-se culpado e eu tenho tendência para me sentir por todos à minha volta.
- Vai almoçar connosco para a semana, está bem? Por favor?
- Depois se vê.
- Isso é um sim?
- É um «depois se vê».